



B1

ISSN: 2595-1661

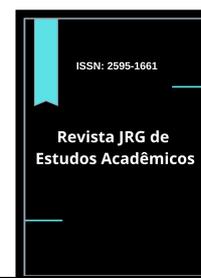
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Metodologias Ativas: as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) como aliadas na educação inclusiva

Active Methodologies: digital information and communication technologies (DICTs) as allies in inclusive education summary of master's thesis

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1380

ARK: 57118/JRG.v7i15.1380

Recebido: 08/06/2024 | Aceito: 17/08/2024 | Publicado *on-line*: 19/08/2024

Angélica Ianqui Coutinho¹

<https://orcid.org/0009-0009-9151-4536>

<http://lattes.cnpq.br/2723449371550529>

Universidade Estadual de Maringá, PR, Brasil

E-mail: pg404553@uem.br

Mário Luiz Neves de Azevedo²

<https://orcid.org/0000-0003-0563-5817>

<http://lattes.cnpq.br/0385443872804624>

Universidade Estadual de Maringá, PR, Brasil

E-mail: mlnazevedo@uem.br



Resumo

A efetiva construção de uma escola inclusiva para todos é um desafio. Por isso, surgem muitas incertezas sobre como promover e desenvolver estratégias que contemplem as necessidades de todos os alunos. A partir dessa compreensão, foi desenvolvida uma pesquisa que buscou analisar como as Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) podem ser aliadas nas práticas de educação inclusiva na educação básica com o auxílio das Metodologias Ativas. Para atender a esse objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que abordou o tema orientada pelos seguintes objetivos específicos. Primeiramente, foi realizada uma análise da relação entre os processos que envolvem a globalização e a expansão da cibercultura na atualidade. Posteriormente, analisou-se os benefícios da utilização consciente das TDICs e, o modo através do qual as Metodologias Ativas podem potencializar a inclusão na educação básica através das TDICs. A partir deste estudo, observou-se que as Metodologias Ativas são estratégias eficientes que podem colaborar para a utilização das TDICs como ferramentas que incentivem o protagonismo dos estudantes na perspectiva de uma educação inclusiva para todos.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Metodologias Ativas.

¹ Mestranda no Programa Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) na Universidade Estadual de Maringá. Bolsista CAPES.

² Professor orientador PROFEI, Titular da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pós-doutor pela Universidade de Bristol-Inglaterra (2011) e Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Básica e Superior (GEDUC).

Abstract

Effectively building an inclusive school for all is a challenge. For this reason, there are many uncertainties about how to promote and develop strategies that meet the needs of all students. Based on this understanding, a study was carried out that sought to analyse how digital information and communication technologies (DICTs) can be an ally in inclusive education practices in basic education with the help of Active Methodologies. In order to meet this objective, a bibliographical survey was carried out that addressed the topic, guided by the following specific objectives. Firstly, an analysis was made of the relationship between the processes involving globalisation and the expansion of cyberculture today. Subsequently, we analysed the benefits of the conscious use of TDICs and the way in which Active Methodologies can enhance inclusion in basic education through TDICs. Based on this study, it was observed that Active Methodologies are efficient strategies that can collaborate in the use of TDICs as tools that encourage student protagonism from the perspective of inclusive education for all.

Keywords: *Inclusive education. Digital Information and Communication Technologies. Active Methodologies.*

1. Introdução

Este estudo tem como objetivo central analisar como as Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) podem ser aliadas nas práticas de educação inclusiva na educação básica com o auxílio das Metodologias Ativas. Para atender a esse objetivo foram realizadas algumas tarefas que se constituíram como objetivos específicos. São eles: analisar a relação entre os processos que envolvem a globalização e a expansão da cibercultura na atualidade; e analisar os benefícios da utilização consciente das TDICs e, o modo como as Metodologias Ativas podem potencializar a inclusão na educação básica através das TDICs. Assim, o problema de pesquisa que orientou as análises realizadas nesse estudo foi: como as TDICs podem ser aliadas nas práticas de educação inclusiva na educação básica com o auxílio das Metodologias Ativas?

Com a pandemia da COVID-19, os professores, até os mais conservadores, se viram obrigados a aderir às novas tecnologias e isso gerou reflexões acerca da utilização destas tecnologias no campo da educação. No contexto atual, observamos que os estudantes estão imersos em uma cultura digital e as práticas docentes não devem estar descontextualizadas das suas necessidades. Isto é, se a escola não se constitui mais como único ambiente produtor de aprendizados, ela deve ser espaço para refletir e incentivar a consciência crítica dos estudantes acerca desse mundo digital e da cultura da internet, que se intitula cibercultura.

O processo de globalização refletiu nos modos como as sociedades foram se modernizando, gerando mudanças nos aspectos políticos, econômicos e culturais. Ao longo dos anos, essas mudanças influenciaram no surgimento da cibercultura e transformaram os modos pelos quais o homem se comunica com o mundo, gerando novas necessidades sociais.

Nesse contexto, a sociedade assumiu princípios de flexibilidade na era digital, gerando mudanças que afetaram as escolas. Portanto, estas devem compreender o papel dessas mudanças e refletir sobre os benefícios que elas podem fornecer na oferta do ensino para todos, numa perspectiva de inclusão. Logo, não cabem mais estratégias tradicionais, rígidas e descontextualizadas. Se os estudantes estão imersos em um mundo tecnológico, as práticas didáticas também devem planejar

modos de despertar o interesse e a participação dos mesmos e, as TDICs podem contribuir para isso. É necessário dialogar sobre como oportunizar a todos os estudantes o acesso ao conhecimento de forma válida e articulada as suas necessidades e interesses, utilizando as TDICs como instrumento para práticas de fato inclusivas, que valorizem todos os alunos como protagonistas do processo.

Para abordar essa temática, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de um levantamento bibliográfico pautado em livros e periódicos científicos publicados e disponíveis em bases de dados “on-line”, como o Google Acadêmico. Os materiais selecionados para estudo foram submetidos à leitura, avaliação e interpretação dos dados, apresentando as discussões e reflexões pertinentes a argumentação sobre a problemática da pesquisa.

A partir disso, constatou-se que as TDICs como parte da cultura digital, podem trazer várias contribuições para o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Observou-se que elas podem facilitar o acesso aos conhecimentos, podem ser instrumento de formação de professores e, também, podem contribuir para a articulação de práticas em que os alunos sejam os atores do processo a partir das Metodologias Ativas. Como sugestão dessas metodologias, propomos dialogar sobre a eficiência da pedagogia de projetos como estratégia ativa em que as tecnologias podem ser ferramentas para oportunizar a leitura, interpretação, produção de saberes e construção da cibercultura.

2. Metodologia

Para responder à problemática deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que selecionou produções científicas sobre os três temas centrais a serem abordados: educação inclusiva, TDICs e Metodologias Ativas. Para realizar esse estudo, seguimos as etapas de um estudo bibliográfico, definidas por Gil (2002): escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório da pesquisa; identificação das fontes; localização das fontes; obtenção do material de interesse para a pesquisa; leitura do material; tomada de apontamentos; fichamento; construção lógica do trabalho, e; redação do relatório. Dessa forma, sendo norteados pelo problema da pesquisa e através das análises de outros autores sobre o tema, foi possível identificar considerações importantes acerca da relação entre educação inclusiva, TDICs e Metodologias Ativas.

3. Resultados e Discussão

3.1 Globalização e a expansão da Cibercultura

Segundo Harvey (1998), a sociedade vivenciou mudanças significativas quanto aos aspectos culturais, políticos e econômicos a partir da globalização, influenciando também as formas de se relacionar dos homens. Nesse processo, surgem novas técnicas e meios de comunicação que, na atual “era do conhecimento”, vão definindo outras funções sociais para as novas tecnologias de acordo com “as necessidades, valores e interesses” do homem a serviço do capitalismo, transformando atividades sociais como o trabalho e a educação (Castells, 2005, p. 17).

Nesse processo, surge o conceito sociocultural de cibercultura, que se refere a forma como o sujeito recebe as informações do meio e age sobre o espaço, produzindo cultura, entendida aqui como a cultura de ler e escrever de forma ampla, a partir das novas tecnologias. Segundo Kenski (2018, p.1) o termo cultura digital refere-se a uma nova cultura que abrange um conjunto de “[...] conhecimentos, valores

e práticas vivenciadas por um grupo em determinado tempo e, não necessariamente, o mesmo espaço”.

Todavia, com a evolução da cultura digital surge outro conceito contemporâneo, a “dataficação da vida” que envolve, de acordo com Lemos (2021), a tradução de toda e qualquer ação dos homens no mundo em dados pelas plataformas digitais. Dessa forma, as tecnologias pensadas historicamente de forma libertária, para criação de formas colaborativas de trabalho, de leitura e escrita ampliadas e, novas formas de sociabilidades e comunicações, faz surgir uma nova problemática, em que o capitalismo de dados nos monitoram, controlam e limitam o acesso a todo conhecimento válido. Um exemplo disso, é quando os algoritmos decidem o que aparece e o que fica invisível para cada um, em suas pesquisas, quando as “fake News” são divulgadas livremente nas redes sociais. Há casos em que a ciência muitas vezes é negada com veiculações no estilo “à terra é plana”. Assim, observamos fé sem razão, emoções tribais, chacotas com inteligências e saberes (Lemos, 2021).

Dessa forma, é preciso pensar em uma educação politizada para a cidadania. Não vivemos mais sem as plataformas que vieram para solucionar muitos problemas vivenciados em nossas interações. Observa-se que evoluímos quanto a nossa cultura digital, contudo, torna-se necessário desenvolver uma consciência sobre o viés de alienação das plataformas, para que não sejamos reféns das limitações do capital digital. Nesse processo, a escola pode atuar como ambiente de luta para uma educação inclusiva articulada a cultura digital.

3.2 A escola inclusiva em tempos de cultura digital: as TDICs como articuladoras das ações docentes na educação básica baseadas nas metodologias ativas

As transformações ocorridas, principalmente nas últimas décadas, “[...] afetam diversas esferas da vida social - econômica política cultural etc - gerando mudanças rápidas que impactam a forma de acessar, mediar e produzir conhecimentos para a educação e para o exercício profissional da docência” (Oliveira; Silva, 2022, p. 14). Nessa dinâmica de globalização dos saberes e informações, das intensas mudanças e das tecnologias avançadas, viabiliza-se a necessidade do contínuo aprendizado.

Segundo os autores Souza e Pletsch (2017, p.843), as orientações da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura), versam sobre as possibilidades das TDICs, que “[...] podem contribuir para o acesso universal à educação, a equidade na educação, a transmissão de uma aprendizagem e ensino de qualidade, ao desenvolvimento profissional dos professores e gestão educacional, regulação e administração mais eficiente”.

Nesse cenário, é notório que as crianças já nascem imersas em um contexto em que dominam, desde muito cedo, as novas tecnologias. Isto é, são parte de uma cultura clicável, porém, não compreendem muitas vezes as armadilhas do ciberespaço (Perrenoud, 2000). É nesse sentido, que as escolas não podem ignorar as transformações do mundo, pois, somente elas podem atuar como mecanismo e objeto de luta para desenvolver nos estudantes a consciência crítica para o discernimento do que é válido e do que não é, diante da multiplicidade de informações, assim como para desenvolver habilidades produtivas na cibercultura. Desse modo, o ensino consciente a partir das TDICs pode atuar para “[...] conscientização sobre o uso seguro dos meios digitais por todos os usuários” (Kenski, 2018. p. 5).

Nessa premissa, a escola deve se adaptar as necessidades de todos os estudantes de modo a favorecer o acesso aos saberes. Todavia, a efetiva construção de uma escola inclusiva para todos é um desafio e, diante de tantas incertezas de como promover e desenvolver estratégias que contemplem as necessidades de todos

os alunos, os autores Castro, Mill e Costa (2022) assim como Galvão Filho (2022) destacam um princípio como fundamental, isto é, a questão do respeito à realidade dos alunos, a partir da inovação pedagógica. Nessa premissa, a cultura digital pode ser aliada das práticas de inclusão, não só facilitando adaptações de acessibilidade com a tecnologia assistiva, mas também oportunizando a efetivação de “Metodologias Ativas”. Essas propostas metodológicas, surgiram a partir de 1980, para atender as necessidades de flexibilidade das novas culturas que foram se desenvolvendo a partir da globalização. Para tal, de acordo com Albuquerque e Oliveira (2020) e Valente, Almeida e Geraldini (2017), elas se constituem como a instrumentalização de métodos e técnicas que valorizam interações entre aluno-professor, aluno-aluno e aluno-materiais/recursos didáticos.

Para Albuquerque e Oliveira (2020), alguns autores são considerados precursores das Metodologias Ativas, como: Dewey (1979 apud Albuquerque; Oliveira, 2020) quando considera que a educação é a própria vida social dos indivíduos e, que a aprendizagem é resultado de situações problemas; Piaget (1995 apud Albuquerque; Oliveira, 2020) quando traz o conceito de motivação epistêmica, em que o professor é o instigador da vontade de aprender do aluno; Vygotsky (1989 apud Albuquerque; Oliveira, 2020), quando valoriza que a aprendizagem se constrói com a experiência e, com a interação social entre os sujeitos e os meios; Paulo Freire (2011 apud Albuquerque; Oliveira, 2020) quando diz que a aquisição de novos conhecimentos depende das possibilidades de construção da autonomia da criança; e Glasser (2001 apud Albuquerque; Oliveira, 2020), destacando estratégias efetivas nas Metodologias Ativas como: o explicar ou ensinar para alguém; fazer, escrever e praticar; e conversar e debater. Dessa forma, as principais características das Metodologias Ativas envolvem:

- 1) observação da realidade; 2) estímulo ao protagonismo do estudante; 3) ampliação das condições de aprendizagem; 4) dão significado à aprendizagem; 5) desenvolvem a autonomia; 6) utilizam a problematização como estratégia; 7) apresentam hipóteses de solução e 8) proporcionam relação dialética entre teoria e prática (Albuquerque; Oliveira, 2020, p.3)

De acordo com Galvão Filho (2002, p. 9), nas Metodologias Ativas, os alunos devem ser ativos no processo de ensino-aprendizagem como protagonistas e, devem ser valorizados quanto aos seus interesses e conhecimentos prévios para que “exercitem sua capacidade de pensar, comparar, formular e testar eles mesmos suas hipóteses, relacionando conteúdos e conceitos”. Nesse processo o erro é significativo, pois, com ele, vão sendo reconstruídas suas hipóteses e significados, devendo-se valorizar o “[...] potencial de desenvolvimento que cada um traz em si, confiando e apostando nas suas capacidades, aspirações mais profundas e desejos de crescimento e integração na comunidade (Galvão Filho, 2002, p.9).

Nesse processo de instrumentalização das Metodologias Ativas, de acordo com os autores Oliveira e Silva (2022) e Castro, Mill e Costa (2022) o professor assume o papel de facilitador, incentivador, colaborador, motivador, interlocutor, questionador e mediador do processo em uma perspectiva de mediação pedagógica e de mediação tecnológica que permitam diálogos e trocas de experiências. Nesse sentido, quanto a mediação pedagógica, os professores articulam as estratégias para melhor possibilitar o acesso a aprendizagem. Na mediação tecnológica e/ou “educação mediada por tecnologias”, o professor deve realizar a reflexão, seleção e escolha das melhores e contextualizadas tecnologias para atender aos objetivos de aprendizagem da mediação pedagógica. Dessa forma, para Carvalho, Silva e Mill

(2018 apud Oliveira; Silva, 2022), a mediação pedagógica e a mediação tecnológica são responsáveis pela implementação das TDICs nas Metodologias Ativas.

Nessa sistemática, para a efetivação dessas mediações atreladas aos valores da cultura digital, torna-se necessário ao professor algumas condições prévias. Assim, os professores precisam: valorizar e conhecer a história dos alunos, seu meio social, as suas formas de interação e construção do conhecimento e, também, desenvolver um “letramento digital” para selecionar as TDIC a partir da realidade dos alunos, o que envolve múltiplas linguagens com imagens, sons, jogos, recursos abertos, ambientes virtuais, etc. O professor deve realizar a curadoria, isto é, não é somente realizar a escolha dos recursos tecnológicos, envolve a capacidade de pesquisar, analisar criticamente os instrumentos digitais que façam sentidos, para fazer a seleção adequada a sua proposta pedagógica. (Bassani; Magnus, 2021).

Além disso, Castro, Mill e Costa (2022) partindo-se das contribuições de Libâneo (2011) e Delors (2003) evidenciam que é preciso ao professor do século XXI, criatividade, conhecimento e consciência para desenvolver competências necessárias também aos alunos, que parte do aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos (apud Castro; Mill; Costa, 2022). A partir dessas considerações, Castro Mill e Costa (2022) segundo os estudos de Masetto (2013) destacam que os professores serão capazes de possibilitar aos educandos em suas mediações as “[...] trocas de experiências, diálogos e oportunidades de vivenciar e criar situações/problemas” (apud Castro; Mill; Costa, 2022, p.6).

A partir das Metodologias Ativas propõe-se que o professor poderá fazer mediações utilizando as várias tecnologias que possibilitem aos alunos problematizar e construir conhecimentos. E nessa perspectiva, Galvão Filho (2002) destaca a estratégia da “pedagogia de projetos”. Nessa proposta, as TDICs são utilizadas como instrumentos para trabalhar conceitos e conhecimentos de forma dinamizada, interdisciplinar e desenvolvendo a cooperação entre os alunos. Assim:

Na construção de projetos, professor e alunos engajam-se, com uma perspectiva interdisciplinar, numa relação cooperativa de interações e intercâmbios, entrando o aluno com todas as suas vivências e conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, e o professor ajudando a explicitar os conceitos que vão sendo intuitiva ou intencionalmente manipulados no desenvolvimento dos trabalhos e das novas descobertas. E se pensarmos em termos de rede, de internet, essa parceria na construção de projetos extrapola a relação restrita entre aluno e professor, para ampliar-se sem fronteiras em direção a inúmeras outras interações, fontes, parcerias (Galvão Filho, 2002. p. 12).

A partir dessa proposta, Galvão Filho (2002) destaca que os projetos como Metodologias Ativas, devem partir de temáticas sobre os problemas do contexto dos estudantes, ou seja, os conteúdos do currículo devem ser trabalhados de maneira interdisciplinar a partir das temáticas do projeto, definidas em interação com os estudantes. Nessas relações, o professor instrumentalizará o uso de TDICs como estratégia de interfaces para levar os alunos a estudarem em grupo, a interpretar saberes, dialogar, questionar e refletir sobre sua realidade e construir conhecimentos e produzir um produto final. Nesse processo, os alunos são os protagonistas, podem ajudar uns aos outros em colaboração, assim como podem desenvolver planos de ação para problemas sociais. Galvão Filho (2002) também propõe sugestões sobre os modos como utilizar-se as TDICs, como estratégias articuladas as possibilidades da cultura digital na pedagogia de projetos e, como facilitadoras das interações colaborativas, que podem envolver:

[...] projeto de criação, redação e leituras de histórias, editores de texto; software específicos de edição de histórias; programação livre com a Linguagem Logo, combinando projetos gráficos; com frases e textos, descritivos ou narrativos; o intercâmbio, através de correio eletrônico, de suas produções, projetos e ideias, entre os próprios alunos participantes das atividades ou também com outros alunos de diferentes localidades; a construção coletiva de histórias via rede (Internet e/ou Intranet); pesquisa de histórias na Web [...] construção individual ou coletiva de páginas na Internet, ou o desenvolvimento de temas atuais utilizando recursos multimídia, ou pesquisas relacionadas com as problemáticas diárias vividas pelo aluno, utilizando a Web, editores gráficos e de texto, software de autoria, etc. (Galvão Filho, 2002, p. 11).

Os autores Oliveira e Silva (2022, p.18), a fim de articular a cultura digital a práticas inclusivas, também sugerem o uso de algumas ferramentas como “[...] conteúdos on-line, ambientes de aprendizagem, espaços de produção conjunta”. Segundo os autores, esses recursos, à medida que, se fundamentados como instrumento de criticidade, podem auxiliar tanto os professores em suas pesquisas, formações, assim como também contribuir para construções de práticas colaborativas em sala de aula, que permitam aos alunos fazer suas interpretações e produções de maneira crítica, problematizadora e consciente, para libertação da alienação de capital. Sobre esse viés, as tecnologias devem ser utilizadas para pensar sobre os modos como pensamos e construir novos aprendizados e, abrem espaço à “[...] amizade, para a criação de atividades cooperativas, para a cumplicidade de críticas solidárias aos governos e os poderes opressores ou injustos [...] propiciam a solidariedade e a criação e desenvolvimento de projetos em parcerias (Almeida; Júnior, 2000, p.33).

Em suma, é preciso refletir que ainda hoje, desenvolver um espaço com condições adequadas que respeitem a identidade de cada criança para a inclusão é um desafio. Essa realidade se desenvolve frente ao número exacerbado de alunos por sala, falta de trabalhos colaborativos com os profissionais de apoio, falta de recursos, carência de políticas educacionais, da falta de estímulo ao aperfeiçoamento dos profissionais, assim como do pouco investimento nas formações.

Nesse contexto, esse trabalho buscou contribuir com reflexões e propostas sobre a necessidade de um professor aberto a pesquisa, que inova, se aperfeiçoa e luta contra as estruturas que excluem, respeitando as individualidades de cada criança. Não se trata de uma receita, mas de reflexões sobre a importância da mediação docente para a efetivação de uma escola de fato inclusiva, onde se propôs que as Metodologias Ativas, articuladas a cultura digital, são estratégias eficientes de modo a contribuir para a valorização dos estudantes como sujeitos históricos do processo que são capazes de interpretar, problematizar e construir a cibercultura na construção de espaços inclusivos (Lins, 2016).

4. Conclusão

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil. E, a partir da análise bibliográfica, constatou-se que as Metodologias Ativas são estratégias eficientes, que podem colaborar para a utilização das TDICs como ferramentas que incentivem o protagonismo dos estudantes na perspectiva de uma educação inclusiva para todos.

Inicialmente observamos que a partir da globalização, as tecnologias foram evoluindo, constituindo novas culturas com o surgimento da cibercultura e, nesse

processo as tecnologias vão possibilitando também inovações nos modos de se relacionar e receber informações. Porém, é preciso consciência crítica para lidar com as armadilhas do capital que visa a alienação dos sujeitos e a massificação de informações e culturas.

Isto posto, pensamos em estratégias para garantir que a escola atenda mais que os interesses do capital e seja ambiente de luta para a atuação consciente dos estudantes na sociedade e, com a efetivação de uma escola de fato inclusiva. E não podemos falar em práticas inclusivas sem considerar a realidade dos alunos, imersos em uma cultura digital, onde se faz necessário o uso consciente das TDICs para favorecer o acesso aos saberes de maneira consciente.

Para tal, destacamos que as Metodologias Ativas podem colaborar com práticas pedagógicas inclusivas e, nessa, perspectiva a pedagogia de projetos pode ser uma aliada. Nesse processo, o professor como facilitador, a partir da mediação pedagógica e tecnológica, desenvolve projetos a partir da realidade dos alunos e das problemáticas sociais do seu contexto. E os alunos em regime de colaboração e de ajuda mútua entre si, utilizam as tecnologias como instrumento para pesquisar, problematizar, dialogar e construir suas próprias produções e saberes interdisciplinares na cultura digital.

Enfim, este trabalho, procurou contribuir para o debate sobre como atender as necessidades atuais dos nossos alunos, frente às várias problemáticas da escola pública e dos anseios dos professores, que inseguros diante da falta de valorização, formação e apoio das políticas, se veem por muitas vezes solitários no processo, que deve ser colaborativo e problematizado por quem vivencia o chão da escola, ao qual cabem futuras produções científicas.

Referências

ALBUQUERQUE, Aline Vieira de; OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. Metodologias Ativas na educação: caminhos para aprendizagens significativas. In: Congresso Internacional ABED de Educação à Distância. Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação à Distância, 2020. p. 1-10. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2020/anais/trabalhos/62452.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ALMEIDA, Fernando José; JÚNIOR, Fernando Moraes Fonseca. **Aprendendo com projetos**. Brasília: PROINFO/MEC, 1999.

BASSANI, Patrícia B. Scherer; MAGNUS, Emanuele Biolo. Práticas de curadoria como atividades de aprendizagem na cultura digital. In: SANTOS, Edméa O.; SAMPAIO, Fábio F.; PIMENTEL, Mariano (Org.). **Informática na Educação: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.1) Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/curadoria>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CASTRO, Sara; MILL, Daniel; COSTA, Rosilene Aparecida Oliveira. Apontamentos sobre a mediação pedagógica na cultura digital: uma breve revisão de literatura. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, 2022, São Carlos. **Anais** [...]

São Carlos: UFSCAR, 2022. p. 1-12. Disponível em:
<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2022/article/view/1987>. Acesso em: 08 jul. 2023.

GALVÃO FILHO, Teófilo. As novas Tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social dos alunos com necessidades especiais? *In: III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial*, 2002, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFRGS, 2002. Disponível em: <https://www.galvaofilho.net/comunica.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. **Cultura Digital**. Campinas: Papyrus, 2018.

LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 2, p. 193–202, mai./ago. 2021.
<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>. Acesso em: 18 de mai. 2023.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. Formação de professores e o desafio da ética. **Diálogos**, Maringá, v. 20 n. 1, p. 160-169, 2016. DOI:
<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1>. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/3055/305546699015.pdf>. Acesso em: 16 de set. 2022.

OLIVEIRA, Achilles Alves de; SILVA, Yara Fonseca de Oliveira e. Mediação pedagógica e tecnológica: conceitos e reflexões sobre o ensino na cultura digital. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 60, n. 64, p. 1-25, abr./jun. 2022. DOI:
<https://doi.org/10.21680/1981-1802.2022v60n63ID28275>. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/28275>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SOUZA, Flávia Faissal de Souza. PLETSCH, Márcia Denise. A Relação entre as Diretrizes do Sistema das Nações Unidas (ONU) e as Políticas de Educação Inclusiva no Brasil. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.25, n.97, p. 833-841, out./ dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002500887>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/7dvMYywhKCgCSwjk4ZFSW5g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

VALENTE, José Armando. ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.17.052.DS07>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/9900>. Acesso em: 15 jul. 2023.